

BRAGA, Isabel Drumond e BRAGA, Paulo Drumond (coord.) (2024). *Reis, aristocratas e burgueses. O mundo das cartas privadas (Portugal, séculos XVII-XX)*. Lisboa: Edições Colibri, 323 pp., ISBN: 978-989-566-453-5.

Reis, aristocratas e burgueses. O mundo das cartas privadas (Portugal, séculos XVII-XX), coordenado por Isabel Drumond Braga e por Paulo Drumond Braga, publicado em outubro de 2024, pela Edições Colibri, é uma obra coletiva, estruturada em oito capítulos, da autoria de outros tantos autores, quase todos nacionais. Estamos perante um livro que reúne estudos de caso, organizado cronologicamente, em que a correspondência, sobretudo a privada, produzida por indivíduos de diferentes grupos sociais, com destaque para elementos da família real e da alta nobreza, foi utilizada como fonte principal para o estudo das práticas quotidianas, bem como das emoções e dos sentimentos no Portugal da Época Moderna e do período contemporâneo, em concreto, no intervalo cronológico compreendido entre 1643 e 1945, posto que a esmagadora maioria dos textos respeite aos séculos XIX e XX.

Após uma breve nota de apresentação, o volume abre com um capítulo da autoria de Francisco Pardal, intitulado “Família e quotidiano na correspondência de e para D. Maria (1643-1693), filha de D. João IV”. Ao analisar a correspondência privada (já publicada) dessa figura, que viveu a maior parte da vida num convento, embora sem nunca professar, Francisco Pardal destaca a figura do 1.º duque de Cadaval, como sendo a pessoa mais próxima dessa mulher. Depois de esclarecer sobre os diversos assuntos tratados nas cartas, o autor centra-se nas emoções perceptíveis nas mesmas, bem como sobre os aspetos estruturais da correspondência enviada e remetida por D. Maria, a única ilegítima reconhecida pelo primeiro rei da dinastia de Bragança, que, pese nunca ter frequentado a corte, adquiriu algum protagonismo, tentando até influenciar, em carta dirigida ao duque de Cadaval, escrita, por certo, entre 1668 e 1672, a nomeação de D. Fr. Domingos de Guzmán, sobrinho da mulher de D. João IV, para bispo de Coimbra, o que não se verificou, tendo esse dominicano dirigido antes o bispado de Leiria (1677-1678) e depois o importante arcebispado de Évora (1678-1689).

No capítulo seguinte, João Pedro Gomes estuda as famosas cartas de Arthur William Costigan, pseudónimo de James Ferrier. Trata-se, como se sabe, de uma obra clássica da literatura de viagens sobre Portugal, que assumiu a forma de cartas dirigidas a um irmão morador na Grã-Bretanha, publicada pela primeira vez em Londres, em 1787, com o título *Sketches of Society and Manners in Portugal*. Em “Paisagens alimentares de Portugal nas cartas de Arthur William Costigan

(1778-1779)”, João Pedro Gomes revisita essa obra, confrontando-a e fazendo-a dialogar com outras fontes e com estudos diversos, abordando, entre outros aspectos, a pesca da ostra e da sardinha no Algarve e a do salmão nos rios da região do Minho; a produção e a qualidade do vinho alentejano (assinalando encontrar-se nas referidas cartas a descrição mais antiga que se conhece do Vinho de Talha), do vinho do Porto e do vinho de Carcavelos; bem como a suposta existência de uma planta de chá num convento de Elvas, em 1778, trazida, de acordo com a fonte analisada, havia muitos anos do Oriente por um frade missionário, o que, a confirmar-se, constitui, de acordo com João Pedro Gomes, um dos mais antigos registos da produção de chá em Portugal.

Em “A ‘muito extraordinária viagem’ do 2.º marquês de Pombal com a corte para o Brasil, a sua viuvez, vida e morte no Rio de Janeiro: um olhar a partir da correspondência familiar (1808-1812)”, terceiro capítulo do livro, João Bernardo Galvão Teles debruça-se, sobremaneira, sobre as cartas que aquele titular da nobreza dirigiu à viscondessa de Mesquitela. Ao estudar essa epistolografia, redigida no Rio de Janeiro, para onde aquele aristocrata partira, em novembro 1807, quando da transferência da corte portuguesa para o Brasil, Galvão Teles procura explicar como é que Henrique José de Carvalho e Melo vivenciou esse importante momento das primeiras décadas da História de Portugal. O autor chama a atenção para determinados aspetos, designadamente, para o facto de uma carta particular poder “girar” (p. 89), isto é, circular e ser lida por vários leitores; e de as técnicas de conservação existentes à época permitirem, não obstante as condições e o tempo de viagem entre Portugal e o Brasil, o envio de géneros alimentares, no mínimo inusitados, como foi o caso de uma encomenda de linguados de escabeche ou corvina, que deviam ser remetidos numa panela de barro hermeticamente fechada.

Segue-se o capítulo “A morte de um filho: dor e luto na correspondência familiar durante a primeira metade do século XIX”, no qual Pedro Urbano estuda o processo de luto da aristocracia oitocentista em Portugal, centrando a sua análise na família dos marqueses de Alorna e Assumar e na dos duques de Palmela. Ao seleccionar e analisar a correspondência que incidia sobre essa matéria, o autor procura avaliar a forma como a notícia da morte de uma criança era comunicada; os estados de espírito dos progenitores e de outros familiares; assim como o consolo e o apoio encontrados na religião (sobressaindo da leitura o papel dos confessores) e nas redes de sociabilidade familiar. Ressalta ainda a preservação da memória do falecido, aludindo a diferentes estratégias que podiam incluir o exagero das qualidades do defunto; a sua comparação com os filhos sobreviventes; a distribuição de objetos pertencentes ao extinto por alguns familiares; e a encomenda de obras de arte, onde pontificavam retratos

a óleo e esculturas; não deixando de refletir sobre a função terapêutica que a correspondência, de forma consciente ou inconsciente, assumia em semelhantes momentos de dor.

Paulo Drumond Braga, um dos coordenadores da obra, assina o 5.º capítulo, “Gostos e desgostos de um rei de Portugal: a correspondência familiar de D. Pedro V”, no qual explora um volumoso corpo epistolar, em parte inédito, remetido pelo *Esperançoso* a quatro familiares, com destaque para o príncipe Alberto, marido da rainha Vitória, que foi o seu principal correspondente; mas também ao imperador do Brasil, D. Pedro II; bem como à mãe e ao irmão de Estefânia de Hohezollern-Sigmaringen, ou seja, à sua sogra e cunhado. Através da leitura e análise dessa epistolografia, o autor aborda o quotidiano do jovem monarca, os seus gostos pessoais, o mau relacionamento que manteve com o pai e o processo de luto pela morte de familiares, com destaque para o ocorrido na sequência do passamento de D. Estefânia, apenas 14 meses depois de terem contraído matrimónio, luto que culminou com a construção de um hospital infantil inaugurado já depois da morte de D. Pedro V, que ainda hoje, como se sabe, mantém o nome daquela rainha consorte.

“Emoções e sentimentos de Maria das Neves de Bragança e Bourbon através da sua correspondência”, é o título do capítulo seguinte, da pena de Cristina Bienvenida Martínez García – a única estrangeira que figura entre os autores deste livro – que, por intermédio do escrutínio da profusa epistolografia e de outros escritos produzidos, em diversas línguas, por esta infanta portuguesa, filha legítima mais velha de D. Miguel I, que casou com Alfonso Carlos e que viveu, quer antes quer depois do matrimónio, quase toda a sua vida no exílio, procura explicar os sentimentos desta em relação a diferentes matérias, nomeadamente, familiares, políticas, religiosas e sociais, ressaltando, entre outros aspetos, que, em determinados contextos, escrever cartas não era uma opção, mas antes uma imposição, quase como um emprego a tempo inteiro: “es atroz lo que debo escribir, no hago otra cosa casi en todo el día” (p. 189).

No penúltimo capítulo, “Afetos, saudade, queixumes e quotidiano: cartas familiares de Manuel Teixeira Gomes (1913-1929)”, Maria da Graça A. Mateus Ventura explora parte das cartas trocadas no âmbito da família nuclear do sétimo Presidente da República (1923-1925). Através da correspondência selecionada, recebida, sobremaneira, da mãe das suas duas filhas e trocada com estas, mas também com o irmão e com um sobrinho, a autora revela, conforme realça no texto, uma faceta privada pouco abonatória deste político, detendo-se na relação de Teixeira Gomes com Belmira, mãe das suas filhas, as emoções e os sentimentos desta, e a relação afetiva que aquele manteve com as filhas, Ana Rosa e Maria Manuela, as quais, após a partida abrupta do pai para o autoexílio, sem

sequer se despedir da família, nunca mais o viram, ainda que tenham mantido o contacto por carta.

O livro encerra com um texto da autoria da coordenadora Isabel Drumond Braga, intitulado “‘Do seu filho muito amigo e obrigado’: o universo doméstico na correspondência familiar de Manuel de Andrade e Sousa (1939-1945)”, capítulo que resulta da análise das cartas particulares, inéditas, trocadas, durante a 2.ª Guerra Mundial, entre esse engenheiro eletrotécnico, residente na companhia da mulher na região Norte do país, primeiro no Porto e depois em Pedrido, concelho de Castelo de Paiva, e a sua mãe, moradora em Lisboa. A partir de copiosa correspondência, conservada em arquivo particular, a historiadora explica o quotidiano de um jovem casal com meios, interessando-se, em particular, pelo abastecimento e pela produção de víveres, pelas refeições, quer as festivas quer as quotidianas, sem esquecer a dieta infantil, bem como a conservação de alimentos, destacando a aquisição de um frigorífico, em 1942, além de outros aspetos de economia doméstica, designadamente o relacionamento com as serviçais, tudo devidamente contextualizado.

Este é um livro de leitura agradável, cuja edição, em boa hora, foi apoiada pela Fundação da Casa de Bragança, pelo Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes e pelo Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora. É também, cremos, uma publicação útil e pertinente. Desde logo porque, conforme refere Isabel Drumond Braga no seu ensaio, “em Portugal, o tratamento historiográfico da epistolografia de qualquer época, não tem sido particularmente abundante, até porque este tipo de documentos não é frequente” (p. 242). Depois porque, além de revelar novos elementos sobre figuras relevantes da História de Portugal, de permitir aprofundar o conhecimento sobre determinados grupos sociais e de evidenciar algumas das potencialidades deste tipo de fonte, cumprindo os objetivos plasmados na nota de apresentação, um contributo significativo não só para o estudo de diversos temas da vida quotidiana, tais como a criação e a educação de filhos, os hábitos alimentares ou a morte, mas também para o estudo dos sentimentos e das emoções, campo historiográfico que tem merecido um interesse crescente por parte da historiografia nacional e estrangeira.

RICARDO PESSA DE OLIVEIRA

Universidade Aberta, Centro de Estudos Globais, IECCPMA

ricardo_pessaoliveira@sapo.pt

<http://orcid.org/0000-0003-2528-6212>

